



*"Desde os vinte anos eu
sonhava em fazer uma obra
que fosse o pensamento da
juventude",*

Dalcídio Jurandir

A NOVA RECEPÇÃO DA OBRA de Dalcídio Jurandir

Gunter Karl Pressler*

A proposta de reedição das obras de Dalcídio Jurandir coincide com um desejo nacional de reencontrar esse grande romancista. Em todos os lugares há perguntas insistentes por suas obras, respondidas pelo espesso silêncio onde naufragam algumas obras da maior importância de nossa Literatura,

Enfatiza João de Jesus Paes Loureiro em 1984, filho e poeta da exorbitante Amazônia, incansável voz contemporânea da terra d'água. Apresentando a segunda edição do quinto romance do Ciclo, *Passagem dos Inocentes*, Loureiro expressa o desejo de ver reeditada no mercado livresco do país a obra esgotada e fragmentada. "Quarenta anos em débito com o acolhedor povo desta terra", diz Giorgio Falangola, o editor¹. O "desejo de lançar a obra completa", só foi desejo. Sete anos depois, a editora CEJUP, em Belém, partiu para uma nova tentativa, editou os primeiros três romances várias vezes (1991, 1992, 1994 e 1997) e — fracassou (!?). Em 1998, a UNAMA, pela professora-pesquisadora Rosa Assis, publicou a edição crítica do primeiro romance e esta prepara a edição

* Professor da UFPA

crítica do segundo romance. Em 2001, um representante da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, expressou o interesse de reeditar, no mínimo, um livro. Finalmente, o Instituto Dalcídio Jurandir (Rio de Janeiro) planeja juntamente com a editora da Universidade Federal do Pará com o romance, *Belém do Grão Pará*, a reedição do "Ciclo do Extremo Norte". O que falta para a realização do desejo?

Vejamos o quadro das edições da obra:

ANO	CIDADE	EDITORIA	TÍTULO
1941	Rio de Janeiro	Vecchi	<i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
1947	Rio de Janeiro	José Olympio	<i>Marajó</i>
1958	São Paulo	Martins	<i>Três Casas e um Rio</i>
1959	São Paulo	Vitoria	<i>Linha do Parque</i>
1960	São Paulo	Martins	<i>Belém do Grão Pará</i>
1963	São Paulo	Martins	<i>Passagens dos Inocentes</i>
1968	São Paulo	Martins	<i>Primeira Manhã</i>
1971	São Paulo/Rio de Janeiro	Martins/NL	<i>Ponte do Galo</i>
1976	Rio de Janeiro	Cátedra	2ª ed. <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
1976	Rio de Janeiro	Record	<i>Chão dos Lobos</i>
1976	Rio de Janeiro	Artenova	<i>Os Habitantes</i>
1978	Rio de Janeiro/Brasília	Cátedra/ NL	2ª ed. <i>Marajó</i>
1978	Rio de Janeiro	Record/	<i>Ribanceira</i>
1984	Belém	Falangola	2ª ed. <i>Passagens dos Inocentes</i>
1987	Belém	Falangola	2ª <i>Linha do Parque</i>
1991	Belém	CEJUP	3ª ed. <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i> ; 2ª ed. <i>Marajó</i> ; 2ª ed. <i>Três Casas e um Rio</i>
1992	Belém	CEJUP	3ª ed. <i>Marajó</i>
1994	Belém	CEJUP	3ª ed. <i>Três Casas e um Rio</i>
1997	Belém	CEJUP/ SECULT/A Província do Pará	4ª ed. <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
1998	Belém	UNAMA	5ª ed. <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>

Também em 1984 aparece o primeiro trabalho acadêmico sobre o autor, Enilda Tereza N. Alves defende a dissertação de mestrado, na PUC/Rio de Janeiro, intitulada: *Marinatambola: construindo o Mundo Amazônica com apenas 'Três Casas e um Rio'* e, em 1991, segue Olinda Batista Nogueira o caminho da interpretação psicanalítica com a tese de doutorado, na UFRJ, intitulada: *Dalcídio Jurandir: Revelação de Norte e Sul*². Pedro Maligo (Michigan University)³, no artigo pouco percebido, lê a obra no contexto da "representação da Amazônia" e reconhece seu "lugar especial entre os autores modernistas brasileiros", constata P. Nunes (2001: 31). A revista do Centro de Letras da UNAMA (Belém), *Asas da Palavra*, em 1996, lança um grande passo para a redescoberta da obra e do escritor: Jurandir foi patrono do II Fórum Paraense de Letras da UNAMA. Em Belém encontram-se os estudiosos Josse Fares, Paulo Nunes e José Arthur Bogéa com seus trabalhos de divulgação. Em junho de 2001 acontece o "Ciclo de Conferências sobre Autores Paraenses" cujo tema foi Dalcídio Jurandir e, no novembro do mesmo ano, o *Colóquio Dalcídio Jurandir: "60 anos: Chove nos Campos de Cachoeira"* foi a marca histórica da nova recepção da obra e do escritor. Em 2002, Marli Furtado volta à Universidade Federal do Pará, na bagagem a tese de doutorado na UNICAMP sobre o "Ciclo do Extremo Norte", intitulado: *Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir*. E, em seguida, tanto no "I Encontro ABRALIC na Amazônia" (2002) quanto na VII Feira Pan-Amazônica (2003), os trabalhos sobre Jurandir recebem destaque. Em 2003, no Rio de Janeiro, é fundado o Instituto Dalcídio Jurandir, vinculado à Casa Rui Barbosa e o fundador, Ruy Pinto Pereira, defende em 2004 sua dissertação de mestrado, na UERJ, intitulada: *Singularidade e Exclusão: o Romance "Chove nos Campos de Cachoeira", de Dalcídio Jurandir*. No Curso de Mestrado em Letras da UFPA, os projetos acadêmicos aparecem, ao lado de Projetos de Pesquisa de Iniciação Científica, ganhando o Selo da Lei de Incentiva à Cultura, além de dezenas de Trabalhos de Conclusão de Curso, em Belém e nos *Campi* do interior: Soure e Breves, e da UNAMA, e surgem dissertações e uma tese de doutorado: Paulo Ornela, Alice de Fátima N. Moura, Rosanne C. de Castelo Branco e Marcus Vinícius Leite.

* * *

Dalcídio Jurandir nasceu na Vila de Ponta de Pedras/Marajó, no dia 10 de janeiro de 1909, e faleceu, no dia 16 de junho de 1979, no Rio de Janeiro, onde ele viveu definitivamente desde 1942. Ele publicou dez romances que "formam um panorama amazônico sem paralelo na literatura brasileira" (Pedro Maligo, 1992: 52) e recebeu dois importantes prêmios literários brasileiros: o prêmio Vecchi-Dom Casmurro (1941) e o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (1972).

Escrever sobre sua obra significa por um lado, numa leitura histórica, não só rever a situação social, econômica e cultural do início do século XX, e, por outro lado ser consciente do interesse atual no autor que não deve se confundir com o ato puramente memorial. A reminiscência a Dalcídio Jurandir caracteriza-se melhor como rememoração: tirar do esquecimento da história da literatura brasileira um autor chamado "regionalista menor"; nas palavras de Alfredo Bosi (1970/1994: 426) que a "literatura regional amazônica [que] assume, nos casos mais felizes, um inegável valor documental"⁴. A sua obra, um dos mais fascinantes (e ao mesmo tempo desconhecido) prosadores brasileiros da Modernidade, no entanto, está à

² Publicado sob o título: *Dalcídio Jurandir: um Olhar sobre a Amazônia* (2003).

³ "Ruínas Idílicas: a Realidade Amazônica de Dalcídio Jurandir", 1992.

⁴ Sobre essa questão diante da recepção da obra de D. Jurandir recomendo o livro de Paulo Nunes (2001).

margem do cânone da literatura nacional. Por que a obra e sua qualidade não receberam seu devido reconhecimento? Para isso é responsável a má divulgação da sua obra, publicada em dez editoras? Uma obra esgotada no mercado editorial, de publicação precária e de circulação quase que inexistente. Críticos respeitados resenharam os romances, escritores e poetas elogiaram-no (só para selecionar alguns): Afrânio Coutinho (1957), Antônio Olinto (1959), Benedito Nunes (1964), Alfredo Bosi (1970), Jorge Amado (1972), Temístocles Linhares (1987), Massaud Moisés (1989). Como se explica a modesta repercussão?

A crítica de Flávio R. Kothe sobre a constituição do cânone da literatura brasileira propõe a necessidade de "reexaminar a literatura a partir de uma visão mais ampla de sistemas sógnicos" (1997: 47). Seria tarefa de investigação recepcional verificar funções e meios de transmissão e divulgação da literatura no contexto da Indústria Cultural e das mídias de massa, pois a Estética da Recepção e do Efeito, nas principais figuras, H.R. Jauss e W. Iser, já desenvolveram os pressupostos teóricos e a metodologia adequada à pesquisa empírica e textual sobre o ato de leitura e sobre os juízos estéticos do leitor empírico (historiador e crítico) e sua importância na configuração do cânone literário. Regina Zilberman apresenta a proposta da Escola de Constança a fim de propor para o Brasil uma "nova história da literatura" (1989: capítulo 3)⁵.

No caso do nosso estudo sobre a recepção da obra de Dalcídio Jurandir, levantamos dados da recepção, seus autores (críticos, escritores, historiadores) e sua repercussão na historiografia literária. Conseguimos caracterizar, num primeiro levantamento, os enfoques interpretativos e ideológicos, enquanto o outro aspecto da pesquisa investiga a produção e divulgação da obra dalcidiana desde a premiação em 1940 até hoje. O "horizonte de expectativa" da crítica é expressão da presença da obra e sua divulgação, mas o que gerou e como foi gerada a obra a fim de possibilitar a crítica? Esta parte da pesquisa visa a criação dos horizontes; sem dúvida, o *a priori* da crítica e do juízo de valores. A crítica institui horizontes de expectativas, como mostra Jauss (1967/1994), e causa a superação e a ruptura desses horizontes e, consequentemente, possibilita a reescritura permanente da história da literatura. Faltava o espaço privilegiado da publicação da obra numa única editora, apoiada pela crítica reconhecida? Além da diversidade e densidade do debate que instauram horizontes? O que estava na mira da crítica brasileira nas décadas entre 1940 e 1980?

Como visar, então, a história da produção e da recepção da obra literária? "Monta-se um cânone a partir de um modelo, e daí se confirma o modelo a partir desse cânone", diz Kothe (1997: 49), i.e., a historiografia "escreve a história, fazendo de conta, porém, ela é apenas o registro da história que se impõe pela qualidade intrínseca dos textos". No nosso caso, analisando a crítica brasileira das décadas de 40 e 50, constata-se a tendência de rever a literatura sob o aspecto de um Neo-Realismo "como uma recuperação da intenção documentária do naturalismo histórico, mas transformada por uma nova conscientização sobre causas históricas e psicológicas" (Maligo, 1992: 49); os grandes modelos da inovação literária são Graciliano Ramos e Guimarães Rosa; pode-se falar da valorização de um "Regionalismo Universal" em detrimento de um "Regionalismo menor".

⁵ Pode-se verificar todo o debate no contexto da ANPOLL, pois não foi criado por acaso o GT História da Literatura em 1992, durante o VII Encontro, em Porto Alegre (Cf. os *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS* e a s publicações em torno desse GT).

Levantamos um pequeno painel da crítica que acompanhava a publicação das obras com as seguintes características:

- “folclore” naturalista do século XX, romance social, “Regionalismo documentalista”: “a massa que barbulha em suas páginas [...] massa mestiça de camponeses, pesca, dores, marítimos [...] trabalhadores, gente suada e insignificante” (Astrojildo Pereira); “saga da região do Norte [...] um quadro de costumes, lendas, modismos, festas e ditos populares, todo um folclore” (Moacir C.Lopes); livro e nome, Dalcídio Jurandir, vieram juntos do Pará, “trouxeram aquela gente [...] realidade que ele foi encontrando em longas viagens pelo interior” (Álvaro Moreyra); “denúncia de uma determinada situação social” (Herberto Sales); “fidelidade ao ambiente [...] força descritiva, plena de verdade e de beleza, pela sua maneira de fazer vida e a gente [...] regionalismo documentalista” (Nelson Werneck Sodré); “aquela solidão de nuvens baixas e verdes molhados que é Marajó [...] seus regionalismos” (Sérgio Millet); “a verdade cotidiana, com a paisagem exata [...] um etnógrafo” (Luis do Câmara Cascudo); “romance de costumes e em outras áreas um ‘romance social’” (Adonis Filho); “extraordinária objetividade” (Antônio Olinto); “coerência testemunhal” (Haroldo Bruno); “valor documental [...] literatura regional amazônica” (Alfredo Bosi e Antônio Coutinho).

Um e outro aponta já para características diferentes da obra que somente no final da década de 90 e agora recente tornaram-se fundamentos para uma nova recepção:

- a relação do oral e da escrita: “Não é um autor que escreve. É um homem que fala” (Álvaro Moreyra);
- técnica narrativa, narratologia: “rigor de construção [...] um desenho humano de quem tem a consciência de que o instrumento de criação é a linguagem” (Fausto Cunha); “técnica narrativa”(Antônio Olinto); “evolução estilística”(Ary de Vasconcelos);
- Metalinguagem, discurso e linguagem poética; “meditação sobre a arte e o destino do romance” (Heráclio Sales); “lítero-discursivo” intrínseco na linguagem narrativa (Homero Homem); “efabulação/narração” (J.Guimaraes Manegale); “lembra-me certas músicas em órgão, lentas e profundas” (Jorge Amado);
- O universal, o psicológico e o filosófico-existencial: “conteúdo humano” (Herberto Sales); “Marajó, em qualquer língua, é literatura brasileira” (Nelson Werneck Sodré); a “solidão de nuvens” (S.Millet), completando “a solidão de Eutanázio” (Paulo Nunes) e, de forma diferente, de Alfredo; “romance psicológico” (Adónis Filho); “corrente subjetivista, introspectiva e psicológica” (Afrânio Coutinho); “fisionomias de existência” (L. da Câmara Cascudo); “há um paraensismo universalizado, revelando aquela mundiamazonivivência necessária a que o autor regional inscreva-se na trama do universal [...] Surrealismo caboclo de beira de rio, de tombadilho e campos alagados [...] um estilo ora áspero, ora macio, mas sempre entrecortado de silêncios; cheio de cismas” (João de Jesus Paes Loureiro);
- Romance moderno: “introdutor da paisagem urbana da Amazônia” (Benedito Nunes); “o mais complexo e moderno”(Alfredo Bosi).

Temístocles Linhares, em 1987, faz uma leitura diferente, ainda — como constata Paulo Nunes — “uma crítica [...] impressionista”, mas já com um olhar diferente, destacando o elemento humano. Leitor atento das críticas anteriores, Linhares consegue ver qualidades do romance moderno do século XX: “Antônio Olinto situava o autor [...] no plano rítmico de Proust, em que a composição sinfônica da obra se subdividia ao mítico [...] o crítico ainda acrescentava que, reduzida a Amazônia à pequena floresta de Cachoeira, se deixava ver por completo, a exemplo de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, incorporando mais um território à nossa literatura” (Linhares *apud* Nunes, 2001: 28).

Uma primeira abordagem da recepção da obra de Dalcídio Jurandir apresenta Paulo Nunes em 1998/2001, apoiando-se em Pedro Maligo (1992 e 1998) e a partir de Massaud Moisés (1996, 3ª ed.) e seu termo “romance-rio”, P. Nunes encontra sua originalidade com a expressão “aquonarrativa” (1998), uma “vasta narrativa de aprendizagem” (“romance de formação no Brasil do século XX”, Pressler, 2002) como “notas psicológicas e líricas”. Nunes questiona a indiferença crítica diante da obra premiada. Ilustres nomes falaram sobre o escritor. Como explicar, mesmo assim, o silêncio? Podemos falar das particularidades do processo da recepção. A crítica não é ouvida, pois não se configura no horizonte da expectativa marcado pelos nomes dos contemporâneos: Graciliano Ramos, J. Guimarães Rosa e Clarice Lispector? Os romances de característica naturalista-realista do século XX, mas com uma estrutura narrativa complexa e complicada, um discurso narrativo de cunho indireto livre, em que se confundem o tempo da narrativa e o tempo narrado encontraram dificuldades na reflexão teórica? A particularidade da linguagem como poética e recriativa de uma certa oralidade se estuda metodologicamente na obra de Guimarães Rosa. Por que não na obra de Jurandir? Jurandir recria a característica oral na poeticidade da escrita narrativa que parece ser um grande poema escrito em prosa.

* * *

Particularidades da recepção — por quê? O CNPq reconhece o mérito dos organizadores do *Colóquio*, em 1999, mas “assuntos regionais” não recebem uma verba do Conselho Nacional. Isso combina com uma certa penitência local, sempre em perigo de cair na “folclore regional” e até encantos ufanistas. Os novos enfoques críticos ressaltam as características universais da obra: a estrutura narrativa complexa e a linguagem poética no limiar de oral – escrita. A historiografia literária – em movimento permanente, mas lento – permite “resgates”, enfoques sobre o exóticos e novos velhos territórios (Amazônia). Julgar a crítica anterior pela não valorização da obra, significaria continuar num absolutismo tradicional que acredita num valor, numa essência estético-literária eterna objetivamente enterrada na obra. Realmente, o valor estético e a poeticidade da obra revelam-se num discurso histórico inserido na premissa de que cada tempo descobre, “atualiza” (Walter Benjamin), rompe e modifique seu “horizonte de expectativa” (Jauss). É a vez da atualização da crítica e da teoria literária.

Nos últimos anos, podemos observar um interesse crescente para a obra de Jurandir, particularmente, a partir do *Colóquio Dalcídio Jurandir: “60 Anos Chove nos Campos de Cachoeira”* (2001). A nova recepção iniciou em Belém, de um lado, pelo fato de “resgatar” um autor esquecido e, de outro, pela percepção da qualidade literária (o aspecto narratológico) e pela contribuição sobre a questão da recepção da literatura brasileira (Historiografia).

¹ Cf. os trabalhos pioneiros neste linha de Benedito Monteiro (*O Cancioneiro do Dalcídio*, 1985) e Rosa Assis (*O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*, 1992).

Vejamos, no final, o quadro mais atual da nova recepção, elaborado por Lília Melo (bolsista da UFPA):

EVENTO/ PUBLICAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	TEMPO	
			PERÍODO	ANO
BRASÍLIA: MICROEDIÇÃO DO AUTOR	VII Jornada do Conto Popular: Dalcídio Jurandir	Vicente Salles		2001
II CICLO DE CONFERÊNCIAS: DALCÍDIO JURANDIR BELÉM/UNAMA	A fala 'caboca' em "Passagem dos Inocentes"	Rosa Assis	25 a 29 de junho	
	Dalcídio Jurandir: A escrita do mundo marajoara não é regional, é universal	Gunter Karl Pressler		
	As esfinges da cidade: mulheres em "Belém do Grão Pará"	Marcus Leite		
	"Ponte do Galo": a cidade como labirinto do desejo	Ernani Chaves		
	Dalcídio Jurandir: novas leituras sobre a Amazônia	Zélia Amador de Deus		
	Limiares entre o nacional e universal, um caso de outridade na Amazônia pintada por Dalcídio Jurandir e Mário de Andrade	Paulo Nunes		
	Dalcídio Jurandir: novas leitura sobre a Amazônia	Elizabeth Vidal		
	Em Dó maior, o canto elegíaco de um rio: a serpente em "Três Casa e Um Rio"	Josse Fares		
	Marajó: tableau de uma sociedade pós-escravista	Rosa Elizabeth Acevedo		
	Personagens e problemas rurais em Dalcídio Jurandir	Gutemberg Guerra		
	Mito e Sociedade em Dalcídio Jurandir: anotações em torno de "Marajó"	Silvio Holanda		
	Baudelaire dos Anjos Jurandir e a poética da degenerescência	Amarilis Tupiassú		
ASAS DA PALAVRA Nº12 (BELÉM)	Vinte anos depois, Dalcídio "volta" à Belém de seu tempo	Rosa Assis	julho	
PEDRAS DE ENCANTARIA	Aquonarrativa: uma leitura de <i>Chove nos campos de cachoeira</i> , de Dalcídio Jurandir	Paulo Nunes		
COLÓQUIO DALCÍDIO JURANDIR: 60 ANOS DE CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA, BELÉM/ CACHOEIRA DO ARARI/ SALVATERRA (MARAJÓ)	Dalcídio Jurandir: oscilações de um ciclo romanesco	Benedito Nunes	05 a 09 de novembro	
	A aquonarrativa de Dalcídio Jurandir	Paulo Nunes		
	As temporalidades em <i>Chove</i>	Marcos Leite		
	Confluência de diálogos em <i>Chove</i>	Olinda Assmar		
	O discurso em <i>Chove</i> : o elo psíquico entre narrador e personagem	Cleide Cunha		
	<i>Marajó</i> sob o signo da antropologia e da estética	Audemaro T. Goulart		
	Outras imagens: esboços históricos e iconográficos do Marajó	Edilson Motta		
	As cidades (quase) invisíveis de Eutanázio	Ernani Chaves		
	Tematização do ato de ler em Dalcídio Jurandir: anotações entorno de <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>	Silvio Holanda		
	A imagem da cidade: de Cachoeira a Belém	Willi Bolle		
	Mergulhos nos Campos de Cachoeira	Josse Fares		
	Memória feminina nos Campos de Cachoeira	Elizabeth Vidal		
	Irene: a dualidade do "bem" e do "mal"	Adélia Santos e Cely Valente		
	<i>Chove</i> : a estrutura narrativa do romance moderno	Gunter Karl Pressler		
	Universo derroído e decadência do herói em Dalcídio Jurandir	Marli Furtado		
	Dalcídio Jurandir: o trapezista no arame do equador	Arthur Bogéa		
EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA DO COLÓQUIO E CONFERÊNCIAS, BELÉM, SALVATERRA E PONTA DE PEDRA (MARAJÓ)	Dalcídio Jurandir: uma leitura do caroço de tucumã: vias de sonhos e fantasias Poesia e oralidade	Rosa Assis Benedicto Monteiro	10 de dezembro	2001

KULTUR-NACHMITTAG				
CASA DE ESTUDOS GERMÂNICOS/ UFPA	De Anton a Alfredo: o romance de formação...	Gunter Karl Pressler	16 de abril	
I ENCONTR ABRALIC NA AMAZÔNIA (BELÉM)	O romance de formação na literatura amazônica	Gunter Karl Pressler	09 a 11 de outubro	2002
	Benedito Nunes: leitor de Dalcídio	Silvio Holanda		
	Dalcídio Jurandir: fios mágicos, histórias aquáticas	Paulo Nunes		
	Universo de Dalcídio Jurandir	Marli Furtado		
	Matrizes e germinações em "Chove nos Campo de Cachoeira"	Josse Fares		
	Literatura (Trans-) Amazônica: uma hipótese comparativa (Manuel Scorza e Dalcídio Jurandir)	Ruy Pinto Pereira		
	A recepção da obra de Dalcídio Jurandir	Lília Melo		
	Dalcídio Jurandir: a importância dos meios de comunicação na receptividade da obra literária	Milena Albuquerque		
	Dalcídio Jurandir: nomes e personagens da aristocracia de pé no chão de "Chove nos Campos de Cachoeira"	Simone Meireles		
VI JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, CML/UFPA	Literatura de expressão amazônica: O universo de Dalcídio Jurandir	Marli Furtado	17 a 18 de dezembro	
"O LIBERAL"(BELÉM)	Nota: sobre o esquecimento do aniversário da morte do Dalcídio	Airton Nascimento	17 de junho	2003
INSTITUTO DALCÍDIO JURANDIR (RIO DE JANEIRO) *	Dalcídio Jurandir: As oscilações de um ciclo (de Marajó à Belém)	Benedito Nunes	09 a 10 de julho	
	Dalcídio Jurandir, contador de estórias	Vicente Salles		
	Depoimentos	Moacir Werneck de Castro		
	Dalcídio Jurandir: O menino em busca do caroço	Vivente Salles		
VII FEIRA PAN-AMAZÔNICA DO LIVRO (BELÉM)	Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir: uma contigüidade além do temporal	Marli Furtado	05 a 14 de setembro	
	Dalcídio Jurandir: ca(n)tador de grãos do Pará	Paulo Nunes		
	Dalcídio Jurandir, um perfil traçado por diversos olhares	Zélia Amador de Deus		
	O romance de formação na região amazônica: Inglês de Souza e Dalcídio Jurandir	Gunter Karl Pressler		
	Depoimentos de um amigo e companheiro	Moacir Werneck de Castro		
COMUNICANDO PESQUISA NO CAMPUS DE SOURE DA UFPA	Projeto: Literatura Brasileira de Expressão Amazônica: Dalcídio Jurandir	Gunter Karl Pressler Lília Melo	14 de novembro	2003
II COLÓQUIO PONTAPEDRENSE SOBRE DALCÍDIO JURANDIR	"Dalcídio: 95 Anos para sempre"	Gunter Karl Pressler Lília Melo Grupo de Teatro de Ponta de Pedras sob direção de Angelina da Costa Rodrigues	09 a 10 de janeiro	2004
COLÓQUIO DALCÍDIO JURANDIR (UFPA/UNAMA)	Dalcídio Jurandir, 95 anos – 1909/2004. 25 anos sem Dalcídio Jurandir – 1979/2004. Comemoração de 25 Anos da Morte	José Varella Gunter Karl Pressler Marli Furtado Lília Melo Luiz G. dos Santos Marcilene P.Leal Rosanne C. Branco Cleide Cunha Ivone Carvalho Débora Araújo	16 de junho	2004

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ASSIS, Rosa. *O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA 1992.
- ASSMAR, Olinda Batista. *Dalcídio Jurandir: um Olhar sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: Galo Branco 2003.
- BOGÉA, Arthur. *Bandolim do Diabo (Dalcídio Jurandir: Fragmentos)*. Belém: Paka-Tatu 2003.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix 1994 (40ª ed.; 1ª ed. 1970).
- FURTADO, Marli Tereza. *Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem 2002 (Tese de doutorado).
- JURANDIR, Dalcídio. Cf. o quadro das obras.
- KOTHE, Flávio R. *O Cânone Colonial*. Brasília: EdUnB 1997.
- MALIGO, Pedro. *Land of Metaphorical Desires. The Representation of Amazonia in Brazilian Literature*. New York, etc.: Peter Lang 1998 (Wor(l)ds of Change. Latin American and Iberian Literature).
- MALIGO, Pedro. "Ruínas Idílicas: a Realidade Amazônica de Dalcídio Jurandir". In: *Revista USP* (São Paulo) No. 13, Março/Abril/Maio 1992, pp. 48-57.
- MELO, Lília Cristina Barbosa de. *A Recepção da Obra de Dalcídio Jurandir*. Belém: BIA/UFPA 2003-2004.
- MONTEIRO, Benedicto. *O Cancioneiro do Dalcídio*. Belém: Falangola/PLG Comunicação 1985.
- NUNES, Paulo. "Aquonarrativa: uma Leitura de *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. In: Id./JosseFares, *Pedras de Encantaria*. Belém: UNAMA 2001.
- PRESSLER, Gunter. "O Romance de Formação na Literatura Amazônica". I Encontro ABRALIC na Amazônia, Belém, 5 a 9 de novembro de 2002. Belém: UNAMA 2002 (CD-ROM).
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática 1989 (Série Fundamentos, 41).